

MANUELA VASCONCELOS

ARTE E CULTURA

Federação espírita portuguesa,
Aos 14 de Maio de 2017.

SER MULHER

Ser Mulher
É sentir e dar ternura,
Acarinhar com doçura
Todo o Bem que nos vier...
É usar e impor respeito,
Acalentar junto ao peito
O amor que se tiver!
É ser irmã, companheira,
Boa amiga, enfermeira,
Não sentir a própria dor...
É velar, sorrir, chorar,
Silenciar ou falar...
Renunciar por amor!
É ser o anjo da guarda
Do companheiro que tarda,
Do filho que um dia venha...
É ser tudo... e não ser Nada!
É sentir-se acompanhada
Se a solidão a acompanha!
É sorrir quando se chora,
Rir à dor que nos namora
Que o dia a dia tiver...
Não é nada... e é tudo isto...
- E sabe Deus porque existo,
Porque vivo e sou Mulher!

*

Da mulher espírita de que fomos convidada a falar, uma houve cujo nome chegou ao nosso conhecimento, sem quaisquer referências: sabemos apenas que foi colaboradora da Federação Espírita Portuguesa, mais ou menos de 1927/28, até meados da década de quarenta. Para além da fotografia, não conseguimos quaisquer elementos para compormos a sua biografia e, tendo sido uma das oradoras que levaram o nome da FEP para além da capital, só encontrámos um texto de uma palestra que ela proferiu; entretanto, se nada conseguimos encontrar que nos referisse a sua pessoa, o próprio texto nos diz, afinal, o que ela deve ter sido: chamou-se MARIA

CARLOTA DE ALMEIDA SANTOS: sugerimos, a todos vós, aqui presentes, que fitem a sua foto e a descubram nas suas palavras – que não a voz que as profere -, enquanto ela nos diz – hoje como há cem anos atrás -, qual deverá ser

O LUGAR DA MULHER NA RECONSTRUÇÃO DO FUTURO



(...) Dividi a minha conversa em três visões e denominei-a “O Lugar da Mulher na Reconstrução do Mundo”. Ei-la:

O cristianismo nasceu na Judeia, espalhou-se para além do Eufrates e foi divulgado no máximo pelos Apóstolos discípulos de Jesus. Foi, incontestavelmente Paulo quem propagou essas novas doutrinas por toda a Grécia e Itália, desde o dia da sua iniciação em Damasco, perante a visão extraordinária que o tornou um servidor estrênuo do Cristianismo.

Para ouvirem a Boa Nova, mil vezes bendita, através do seu eloquente verbo, juntaram-se, em lugares silenciosos e afastados, esses seres ansiosos da luz, chamados intuitivamente a darem testemunho da maior revelação até hoje proclamada e que, embora transmitida numa linguagem simples que qualquer criança compreendia, encerrava em si a Lei por onde se devia reger o mundo até à consumação dos séculos.

Umás vezes, nas profundezas das florestas, outras nos pequenos cemitérios dos subúrbios da cidade ou ainda, e mais assiduamente, nessas grutas escavadas em pedreiras abandonadas, as catacumbas de Roma, se reuniam para prestar culto, para receberem os ensinamentos e o baptismo de Luz, esses agrupamentos, que iam engrossando cada vez mais, porque a todos que tinha boa vontade tentavam as promessas do Salvador: *Vinde a Mim, os que têm sede de justiça. Bem aventurados os sofredores porque deles é o Reino dos Céus.*

Esse maná divino era-lhes prodigalizado pelas palavras e pelas obras, sobretudo pelas obras, assaz diferentes de tudo quanto se praticava então. Amavam o inimigo para exemplificarem a doutrina sagrada; renunciavam aos bens terrenos para se identificarem com o Mestre. Mas essa luz tão límpida teria também, momentaneamente, a sua sombra e essa sombra era a figura sanguinária de **Nero**. Ele receava mais essas mansas legiões do que todas as lanças dos seus inimigos e, então, germinou naquele cérebro diabólico uma ideia infame: mandaria deitar fogo a Roma e culparia disso os cristãos!

Assim aconteceu. O algoz de todos os tempos – a opinião pública -, era contra eles. Começou a mais horrorosa das perseguições e o mais horroroso dos espectáculos. Bandos e bandos de criaturas indefesas foram encerradas em masmorras, submetidas às mais atrozes torturas e, depois, lançadas às feras ou, outras vezes, queimadas vivas! Sobressaía nesse grupo o elemento feminino, e reza a história que a sua coragem e a sua fé, em nada esmorecia ao pé dos seus irmãos homens.

Nessas tardes quentes, em que Deus parecia querer realçar mais a luz do sol, nesse Coliseu de Roma enfeitado de colgaduras e flores, ante o deleite macabro de tantos inconscientes, quantas cenas grandiosas de fé, de renúncia e de holocausto pela luz que eternamente iluminará a Terra! Entravam na arena entoando cânticos de louvor ao Mestre, agradecendo-Lhe o poderem sacrificarem-se com Ele para impor o seu divino mandato. Olhos ao Alto, procurando a visão do Redentor, corações num ritmo unísono, causavam o pasmo das multidões ululantes, que tanto temiam a morte pela intranquilidade das suas consciências e que receosamente perguntavam: - *O que será esta nova Lei que tanta e tanta força superior empresta a estes desgraçados?* E quantos dos assistentes, tocados pela graça divina, procuravam iniciar-se nessa suavíssima senda, embora contassem de antemão com a arena e com a morte.

Foram 300 anos de perseguições, três séculos de lutas, nos quais a fé, cada vez mais forte, se foi transmitindo e radicando, espalhando as suas monumentais raízes pela terra regada pelo sangue dos mártires. Para toda a parte partiam emissários encarregados de reunir as almas transviadas e difundir, ao máximo, os Evangelhos. Grandes fortunas foram postas ao serviço da Santa Lei, e o paganismo foi ruindo fraudulentamente.

Diocleciano cedeu o lugar a Constantino, e então essa árvore majestosa tentou florescer em toda a sua exuberância. Estava decretada oficialmente, para valer como religião do grandioso império, a Santa

Doutrina exemplificada em obras por Cristo, embora fossem imoladas milhares de vítimas.

Eis a visão retrospectiva, a lição do Passado. Passemos ao Presente.

Olhando o mundo, essa Babel desmoronada, o que vimos? Uma arena, não já com dimensões limitadas como as do Coliseu de Roma, mas milhares de vezes maior, onde os homens, como as feras, roubam o que de divino têm – a Vida – e gloriam-se por terem matado. Milhões de homens passam, como antigamente os gladiadores, a caminho de um circo de paixões e de interesses tantos. Amigos de ontem são inimigos de hoje, e, mais uma vez, o sangue ensopa a terra, tornando-a estéril. Esse flagelo – a guerra -, é por vezes necessário para aquilatar do adiantamento moral das multidões; ela é o fruto, não dessa árvore secular que é a fé, mas, sim, de uma outra com profundas raízes também na terra, e que é preciso exterminar para que nunca mais floresça: o egoísmo. Seus ramos são a vaidade, o orgulho, a soberba, a ira, a inveja e a maledicência.

Infelizmente, todos nós – e permiti que assim assevere -, bebemos da seiva dessa árvore; todos nós temos, portanto, a nossa quota-parte na hecatombe. E principalmente a nós, mulheres, muitas culpas nos cabem. Depois da conflagração mundial de 1914/18, a mulher perdeu toda a sua personalidade. Tudo o que tinha de feminino, de requintado, de subtilmente superior, quase se eclipsou pelo desejo ardente das reivindicações a que, tão erradamente, chamaram femininas.

Nestas reivindicações, que não raro eram mais do que o fruto da opressão forçada do homem, mantendo a mulher num nível de inferioridade pelas exigências do seu sexo, não foi um brado de luz mas sim um brado de treva, porque gerou a revolta. E, assim, vemos a mulher sem preparação alguma, numa completa desordem moral, invadir lugares até aí desempenhados unicamente por homens. O combate pelas aspirações femininas obrigou inúmeras jovens, soberbamente dotadas pela natureza, a dedicarem-se a carreiras opostas à sua capacidade congénita, atrofiando os seus talentos e faculdades – e isso teve por efeito torná-las estéreis, dando origem a um desperdício inútil de energias humanas.

Muitas mulheres convenceram-se de que o essencial era imitar os homens, não apenas no que era nobre, mas em tudo: nas funções, nos vícios, nos costumes... e até nas aberrações!

Renegaram o santo nome de mãe e abastardaram as suas puríssimas aspirações espirituais com práticas e liberdades dissolventes, que só lhes

retardaram a hora da libertação, tornando-as cada vez mais escravas pelo luxo, pelo materialismo, pela confusão resultante de não saberem manifestar claramente as suas ambições, abstraindo delas a Fé que salva e o amor que eleva.

O ideal da verdadeira solidariedade humana seria que, sem distinção de sexo, cada um recebesse a educação indispensável para dar de si quanto pudesse sociedade, de que é parte integrante.

Segundo a insigne socióloga e conferencista espanhola, Maria Domenech de Cañelas, *a mulher concorre para o nível moral e intelectual de um povo porque forma a alma, estimula as aspirações e, sobretudo, alenta os sentimentos dos seus filhos.*

Como podia ser fértil uma época em que as mulheres primavam por ser estéreis?

A mulher saiu do lar sem preparação, e a taberna, a prostituição, os lugares nocturnos de atraente corrupção, multiplicaram-se como vermes roendo um cadáver. Foi a derrocada dos bons costumes.

O Governo das Nações é o reflexo do governo das famílias, porque os seus membros sofreram a educação melhor ou pior do seu tempo. Diz a este propósito o grande escritor americano, Marden, num livro feito para as mulheres de todo o mundo: *A virtude não se aprende nos livros, nem em máximas afixadas; impõe-se pelo exemplo, lição eloquente e mais proveitosa do que as dissertações dos moralistas. Não basta que a inteligência conheça o bem; é preciso que a vontade o deseje.*

Quando a rainha Vitória atingiu a sua puberdade, o povo aclamou-a e a sua mãe disse-lhe: *O país não vê a tua pessoa mas o teu cargo. Deves proceder de forma a que estas aclamações nunca se tornem em maldições.* Esta rainha soube cumprir como rainha, porque soube ser esposa e mãe exemplar.

Fez-se uma amálgama dos maus costumes, das lisonjas, das vaidades; a mulher deixou de ser a companheira do homem, para ser um arremedo grosseiro do mesmo. Destacou-se a mulher parasita e a mendiga do lar. A mulher tentou prender o homem pelo seu lado pior. Centuplicaram-se os arrebiques femininos e descuidaram-se os ademanos do espírito. Tomou-se ódio ao semelhante quando ele brandamente chamava à razão. Quis-se prolongar, ao máximo, a vida e começou-se por a incendiar. Loucura colectiva a que poucos escaparam.

O comércio só teve uma miragem: enriquecer. A indústria procurou no sintético a mistificação do bom. As artes sofreram a influência do meio, anquilosando as formas. O homem pôs por toda a parte, à solta, o leão que ruge dentro de si. E então, o mundo minado de veneno explodiu como um vulcão monstruoso! E que fizemos para evitar esse banho de lava? Pouco, que é quase nada!

Como crentes e como mulheres, nesta hora soleníssima de selecção, devemos, pelo menos, abster-nos de considerações melindrosas. Que a nossa boca se cale de murmurar do nosso amigo ou inimigo; e como a hora é de escolha, façamos penitência dos nossos erros, façamos profissão de fé, obrigando-nos a limpar as manchas da nossa consciência, provenientes dos descuidos e negligências que a nossa época nos impõe e procurando empregar todos os nossos esforços para assentarmos os caboucos do mundo que pertencerá aos vindouros, mas onde nós teremos a prioridade na obra. Eis a visão do Futuro.

E é a vós, mulheres, em geral, e principalmente às mães espíritas que me dirijo, porque sou mãe e desejo merecer o nome de mãe cristã.

Mulheres e irmãs perante Deus: desde todos os tempos que, se ao homem foi dado o poder de criar, à mulher foi conferida a missão de conservar e transmitir. Íntima colaboradora do homem, porque preenche vácuos de sensibilidade e pureza que ao homem, por vezes, não são peculiares, a mulher deve marcar o seu lugar, não à força de movimentos extremistas, mas, sim, pelo esforço da sua inteligência, posto ao serviço da sua bondade.

A mulher tem que se impor pela sua feminilidade e, nesta palavra, englobar todas as reivindicações. Esta palavra é sinónimo de toda a abnegação e de toda a humildade. Senão, vejamos o exemplo dessa grande feminista, Florence Nightingale, a mulher que durante a guerra da Crimeia fundou a primeira ambulância da Cruz Vermelha. Essa mulher, à qual foi conferido o título de Irmã Maior da cidade de Londres, mandou fundir a estatueta de ouro que o município lhe oferecera para, com o seu produto e o produto de uma subscrição, criar uma escola de enfermeiras e suavizar, tanto quanto possível, a miséria, fundando, a expensas suas, um reformatório de mulheres, não se importando de arrostar com a hostilidade da nobreza britânica.

E essa outra extraordinária mulher, polaca de nascimento, que para Paris foi estudar matemática e química e cuja vida é um exemplo máximo

para todas as mulheres que têm em mira ocupar um lugar de destaque: Marie Curie! Mulher por quem todas as mulheres se deviam apaixonar, em vez de se deixarem prender a figuras ilusórias da tela ou da rádio. A vida dessa mulher é um poema, desde o seu idílio com o professor Pierre Curie, seu futuro marido, até à colaboração máxima desses dois seres iluminados. Primeiro prémio Nobel das Ciências Químicas, doutora *honoris causa* de todas as universidades do mundo, considerada a benfeitora número um da sua época, impôs-se sempre pela mais estrita modéstia e pela maior educação, repartindo-se sempre entre o seu lar e o seu maior ideal.

Foi a primeira mulher que teve lugar na Sorbonne. Continuadora da obra de seu marido, foi-lhe tributada a maior manifestação pública, de que havia memória, na América do Norte, e ela sempre modesta no seu trajar e no seu penteado, e humilde na sua palavra! Só se destacava pela linha impecável da sua simplicidade e da sua gravidade. Fulgurante astro entre os bons, nunca essa mulher se cansou de praticar o bem e, assim, com o lucro das suas descobertas, ia abrindo o âmbito a grandiosas obras humanitárias. Essa mulher, guiando ela própria o seu automóvel, levava rádio às rectuardas do *front*, tentando salvar o que os homens teimavam em perder: a vida dos seus semelhantes.

Mulheres como esta (e porque não citar algumas da nossa terra?) deviam ser o ponto onde fixássemos o nosso ideal feminino.

Essa grandiosa figura bíblica de Mulher, que projecta a sua sombra por todo o mundo, Mãe amantíssima de Jesus, que foi glorificada exactamente por ser Mãe, que só com lágrimas de perdão sofreu o seu calvário, deve ser o símbolo de todas nós.

Em vez de copiarmos e fazermos copiar às nossas filhas o vestido à Marlene ou a cabeleira à Greta Garbo, ou outras exóticas importações dissolutas, citemos esses grandiosos exemplos de mulheres portuguesas, algumas de estirpe elevada e outras de quase ignorada existência.

Aprendamos, já que aprendemos tanta coisa que não nos faz falta, a história de Isabel de Aragão, a Rainha Santa; a de Filipa de Lencastre, rainha e mãe exemplar; a de D. Leonor, fundadora das Misericórdias; a dessa erudita princesa D. Maria, que conseguiu, num tempo em que o fanatismo sobrepujava tudo, reunir uma plêiade de mulheres cultíssimas nas Ciências e nas Letras; a de Filipa de Vilhena, Luísa de Gusmão, D. Maria II, e tantas outras mulheres ignoradas de que a nossa História está cheia.

Façamos uma exceção à rotina para que a nossa sombra proteja e ampare os nossos filhos. Dispamos os atavios supérfluos. De princípio talvez custe, mas é um tirocínio de renúncia. Nada nos fica melhor do que a roupagem simples de um crente. Nada de exibicionismos. Remodelemos a nossa maneira de ser, tal como se procedêssemos à revisão de uma obra. Nunca nos rebaixemos a mentir diante dos nossos filhos. Nunca tenhamos atitudes indignas diante deles, pois eles serão os nossos maiores juízes.

Falemos às crianças com linguagem simples e, sobretudo, não deixemos que, por informações clandestinas, elas tomem conhecimento das funções da vida e do milagre da geração dos seres. Sejam mães desde a primeira hora. Destruamos o resto da seiva da árvore homicida, impedindo que os nossos filhos sejam seres invejosos, vaidosos ou maledicentes. Ensinemos-lhes que somos falíveis, que somos filhos de um só Pai, a quem ninguém engana, membros de uma grande família. Ensinemos-lhes a fazerem bom uso da fortuna e da miséria. A par da ilustração que se possa dar, não se descuide qualquer pormenor da sua educação. Criemos a geração futura, eliminando dela qualquer sentimento de ódio. Façamos com que a mulher não veja no homem um ser superior a quem só quer tentar, e, na mulher, sua irmã próxima, sua inimiga. Não há superioridade no sexo: há unicamente dois lugares distintos na vida, com um só objectivo: *a perfeição*. Os caminhos a percorrer são diferentes: a meta é, porém, a mesma.

*

Mulheres que me ouvís: eu tenho lutado comigo mesma para eliminar os meus defeitos, e tenho tantos ainda, que a toda a hora me envergonho! Ainda, por vezes, me associo à crítica, e fico tão triste quando caio em mim! Ainda, por vezes, me revolto porque sofro e castigo-me a mim mesma, indo conhecer os sofrimentos de outros, que me fazem ver o quanto sou ridícula! Ainda, às vezes, me curvo perante um trapo, sem pensar que o que gasto com o meu enfeite serviria de benefício àquele que mal se cobre. Mas quero ser melhor, cada vez melhor; e sabeis porquê? Porque tenho a responsabilidade de ser mãe. Quero ser, e hei-de ser, o exemplo vivido dos meus filhos. Não digo por vaidade, digo-o cheia de vontade, sabendo quantas renúncias e sacrifícios tenho de fazer. Renúncia de superfluidades, sacrifícios de defeitos.

*

Pensai sempre, queridas irmãs, que se a mulher não agrada ao homem pela moral e pelo espírito, e, sobretudo, pela sua virtude, nunca o

poderá prender pelo que é fictício, pelas máscaras que compõe na sua 'maquillage'.

Fujamos da vulgaridade, façamo-nos exceções; façamos um Movimento Feminino de Solidariedade e ergamos bem alto a Cruz Luminosa, para que ela irradie para todo o mundo. Salvemos, amparando-os, milhares de seres que se perdem.

Não neguemos o nosso auxílio àqueles que prevaricam.

Arranjemos dinheiro para fazer o bem, mas arranjos, sobretudo, obras morais, para transformarmos o ódio em amor. Façamos, todas, da vida, um ideal, dando-lhe alguma coisa de santo. Foi a fé que animou Joana d'Arc! Que seja sempre a fé e o amor que nos animem!

Seja qual for a missão que tenhamos de desempenhar, nunca queiramos confundir o nosso sexo. Destaquemos, sim, as nossas funções, em todas as circunstâncias, o apanágio vivo de toda a mulher que se preza: a caridade.

Sejamos coerentes na nossa vida particular, na nossa vida social e na nossa vida de crentes; e, quando formos chamadas a desempenhar qualquer papel em prol da santa Causa que professamos, não fomentemos as paixões que só cabe aos homens resolver e dirimir; sejamos mulheres em tudo, apaziguadoras e dignas, para sermos tratadas com a consideração que desejamos para qualquer mulher, e, muito mais, quando essa mulher pretende ser *senhora*.

A caridade não é facciosa e, portanto, nunca neguemos o nosso óbolo de amor, mesmo àquele que não é da nossa simpatia. A pureza gosta de todos, não faz exceções nos seus rasgos. A caridade está imunizada contra todos os perigos; ela vence sempre.

Que os nossos filhos tenham a firmeza da fé dos pioneiros de antanho; tenham nas suas almas a certeza da imortalidade e, de cor, saibam praticar as santas Leis do Mestre. Que os nossos filhos copiem as nossas obras com o traço cristão que lhes imprimirmos. Que os nossos filhos sejam livres, deixando nós de ser grilhetas de tanta coisa ridícula, sobretudo das modas instáveis e pecaminosas. Usemos de severidade connosco, para que os outros o notem. Que a geração futura saiba rir, saiba folgar perante a natureza, e tenha a concepção do bom e do belo. E isso só depende da preparação dada por nós.

Nada de rebaixamentos, de insensibilidade. Deleitemos o nosso espírito perante o espectáculo edificante da Vida! Desabituemo-nos de nos curvamos perante as pompas, que têm um valor efémero, e são, muitas vezes, produtos de tantas lágrimas, para nos curvamos perante o valor moral. Que esse valor moral imponha a sua presença, não pelos atavios, mas, sim, pela harmonia que se desprende de todas as suas atitudes. Já que sabemos avaliar o preço de um automóvel, de uma jóia ou de uma pele cara, saibamos avaliar também e em primeiro lugar, o valor moral do que desejaríamos obter ou copiar. De nada valerá ser bela se não houver bom coração.

Insuflemos nos nossos filhos o espírito de sacrifício, cuja falta, nos moços de hoje, é causa de tanta falência. Sejam eles fortes na dor, na renúncia e na fé e serão prudentes da bonança, comedidos na felicidade e altruístas no amor.

Ordenemos o nosso lar, primeiro lugar das nossas funções, e dispensemos o auxílio necessário para que a boa ordem exista também no lar do nosso vizinho.

Existem, espalhadas pelo mundo, milhares de crianças sem lar e sem pais. Pois, preparemos os nossos filhos para que repartam o grande amor que lhes damos com esses irmãos, para que eles se sintam menos órfãos. Não cruzemos os braços, lancemo-nos antes, ao trabalho. Não há tempo a perder. Todas as mulheres do mundo são chamadas a prestar grandes provas: que elas sejam, portanto, estruturalmente cristãs.

É preciso que todas nos unamos, para que acabem os sectarismos infelizes, e nós, principalmente, que professamos a mais responsável de todas as crenças, tenhamos a responsabilidade do nosso dever, e, sem rancores nem mostras de inferioridade, saibamos servir de pedras angulares na reconstrução do mundo. E esse mundo – qual Fénix renascendo das próprias cinzas e dos escombros de nações destruídas e de almas dispersas pelo flagelador tufão da insânia e do ódio – será erguido, coluna a coluna, pelo esforço hercúleo do amor e da fé.

Sempre houve no mundo mais mulheres do que homens e hoje, que a guerra mundial ceifa milhões de homens, o número é muito maior ainda. Merece, pois, a mulher, a mais alta consideração, para que ela seja um tipo completo de perfeição moral e humana. Tem a mulher que evitar o perigo próprio de todos os exageros e desmandos, e integrar-se cada vez mais na sua época apocalíptica. Desde Sodoma, Ninive e Babilónia, que cada vez mais se cultiva o vício, progredindo-se na inferioridade.

É, infelizmente certo, nesta época, que só deveria ser moralmente progressiva, que existem milhares de mulheres que sem impedimento fixo, levam uma vida improdutiva e parasitária. Em vez de se tornarem úteis, não cultivam nenhuma das suas faculdades. No mundo de Amanhã não haverá lugar para manequins ou bonecas! O problema mais grave para todos os seres humanos, é manterem os seus lugares levando a cabo a obra que lhes compete, segundo as condições em que Deus os haja colocado no mundo.

Não importa a grandeza, mas sim, a qualidade dessa grandeza. Todas as mulheres, absolutamente todas, têm que prestar a sua colaboração. A época é delas, porque a época é de caridade.

Há lágrimas a enxugar e escombros a remover. A brandura de uma carícia e a virilidade de um esforço são indispensáveis.

A mulher mais feliz, e, ao mesmo tempo, a mais útil, será a que puder pôr plenamente em acção todos os dotes que Deus lhe concedeu, a que mais completa e puramente marcar a sua personalidade fazendo actuar as suas energias e qualidades. A mãe mais inteligente e idónea será a que desenvolver ao máximo as qualidades que forem peculiares ao seu sexo, insuflando no carácter dos seus filhos o exemplo da renúncia ao efémero, e espiritualizando-se cada vez mais.

Que cultive o fixo, não para atrofia vexatória do mesmo, mas, sim, para que esse físico seja são, livre nos movimentos e harmonioso nos gestos. E, então, a beleza da alma refletir-se-á na face, despida de máscaras estranhas, a juventude prolongar-se-á porque há-de falir o materialismo, vencendo o espírito imortal em todos os seus atributos divinos.

Querer poupar martírios é o mesmo que querer roubar o ar à flor. Não tenhamos receio do sofrimento. Ele pertence-nos. Somos uma geração de sofredores, em consequência do nosso egoísmo e da nossa vaidade. Mas, num *tour de force*, ergamos a fronte num supremo anseio, revolucionemos a nossa época, destaquemo-nos pelo bem, pelo arrependimento, pela caridade, implantando na Terra uma doutrina de concórdia, que anda tão deturpada, olhando a todos com amor e com carinho. Punhamos bem firme, erguido por nós, mulheres, neste cantinho do mundo, o farol redentor de um renascimento.

Sabemos que a Vida é imortal, que voltaremos à Terra. Quando voltarmos, tenhamos a consolação de receber o fruto que o nosso esforço

semeia. Os nossos filhos serão melhores obreiros que nós, e não terão que arrepiar caminho. Lembremo-nos de que a Deus ninguém engana e que as nossas consciências são sentinelas vigilantes que nada deixam passar.

Chamada ao dever por todo o orbe, que nenhuma mulher falte, erguendo as flâmulas vitoriosas onde se leia FÉ e CARIDADE.

Cerremos fileiras, perante a Cruz que se ergue no mundo, prontas a cumprir, prontas a lutar, prontas a ensinar aos vindouros que, no arrependimento e no amor, sabemos ser discípulas do Mestre amado.

Assim seja.

Maria Carlota de Almeida Santos.